

**JOSÉ CARLOS COMPLETO e
MÓNICA CORTESÃO GONÇALVES**

**PATRULHA
Lobo**

NA PISTA DO TESOURO





O MIGUEL

Já participaste em tantos acampamentos, Miguel, e sempre que vais para os escuteiros é esse frenesim! É só um fim de semana, lembras-te? — afirma a mãe comicamente.

— Sim mãe, eu sei que sou escuteiro desde pequeno, mas não encontro os meus calções azuis da farda de campo — grita Miguel, depois de já ter aberto várias gavetas.

— Estão na roupa que acabei de passar a ferro, em cima da tábua de engomar. Não te esqueças é de levar roupa quente para a noite.

Miguel continuava a ler a lista onde escrevera tudo o que precisava de levar para o acampamento.

— És organizado e inteligente, meu filho, tão novo e já és o guia dos Lobos.

— Mãe, já tenho catorze anos, não sou assim tão novo — diz, corando ligeiramente.

Miguel, pelas suas qualidades de líder, tinha sido escolhido para guia pelos outros membros da patrulha Lobo.

Pouco a pouco a mochila ia tomando forma com a roupa, o saco-cama, os artigos de higiene, um calçado suplente e todas as coisas que achava serem necessárias.

— Não me posso esquecer da lanterna e vou levar também uma bússola — diz Miguel para si próprio. — Pode sempre fazer falta à patrulha.

— Vou já preparar-te uma refeição fria para lebares. Vais precisar de algo prático, como de costume?

— Sim, por favor. É para o primeiro almoço de campo, assim poupamos tempo, para montarmos o acampamento mais depressa.

Era sexta-feira e em todas as noites que antecipavam o dia de um acampamento era, para Miguel, difícil de adormecer. Ficava a pensar sobre o que iria suceder. Que jogos iriam fazer, que dificuldades iriam encontrar, que surpresas lhes tinham preparado os chefes, que obstáculos, que aventura, que mistérios, quem iria ganhar a competição...

Entre as patrulhas do grupo havia uma competição saudável, mas cada uma queria ficar sempre em primeiro lugar, e os Lobos não eram exceção. No meio de todos estes pensamentos Miguel acabou mesmo por adormecer.



A CAMINHO

Com o bom tempo qualquer burro acampa — grita empolgado Pedro, chefe do grupo de escuteiros onde se inseria a patrulha Lobo. — Estamos no Outono. Sem ameaça de chuva, que graça teria esta aventura? Vamos lá a arrebitar que já são oito horas da manhã.

Começava a sentir-se a agitação da chegada dos escuteiros à sede do grupo. Cada um vinha com a sua mochila às costas e dirigia-se para o respetivo canto de patrulha onde as tendas, as panelas, o fogão e o restante material de campo já estava devidamente acondicionado, para a patrulha levar para campo.

— Que bom, Ana, cá vamos nós para mais um acampamento. Já estava com saudades — diz Marta, entusiasmada.

— Afinal, já não acampamos desde as férias grandes e eu também já estava cheia de saudades! Acho que fomos as primeiras a chegar, não vejo os rapazes — afirma Ana,

de olhar brilhante, observando quem já tinha chegado, procurando a sua patrulha.

— As vizinhas sempre juntas! — exclama Miguel.

— Miguel, finalmente cheguei antes de ti — responde Marta, com a sua habitual cara risonha e ar traquina, reforçado pelos dois totós que lhe eram característicos.

— Já chegámos todos? — acrescenta Guilherme ao aproximar-se.

— Ainda falta o Ivo, claro está! O nosso guarda material da patrulha, como de costume, vem sempre em cima da hora, ou quando não chega mesmo atrasado — responde Ana, a secretária da patrulha, com um ar muito doce.

— Estão a falar de mim? — questiona Ivo, um rapaz franzino, com os seus caracóis habitualmente desalinha-dos e os óculos tortos da pressa.

A patrulha Lobo estava completa. Miguel, Guilherme, a quem tratavam apenas por Gui, Ana, Marta e Ivo. Os membros das outras patrulhas que fazem parte do grupo, os Tigres, os Mochos e os Esquilos, também acabam todos por chegar à sede e juntam-se nos respetivos cantos de patrulha, espaço que cada uma tem no interior da sede do grupo, cuja decoração e mobiliário é da responsabilidade de cada uma das patrulhas. É como se fosse a sua pequena casa escutista. É neste espaço que a patrulha se encontra, tem o seu material, reúne e decide tudo o que tem de fazer dentro das atividades escutistas.

— Vamos fazer uma última verificação do material para ver se não esquecemos nada — diz Miguel, mostrando a sua responsabilidade de Guia.

— Eu já tenho comigo a bolsa de primeiros socorros — adianta Marta, que tinha o cargo de socorrista.

— Já verifiquei e temos as tendas, o fogão, dois toldos

impermeáveis para montar os abrigos em campo, as panelas e a frigideira — acrescenta Ivo, concentrado.

— Também está aqui uma pá pequena, um machado, uma serra e o sisal para fazermos as construções em campo — continua Guilherme.

— Muito bem — conclui Miguel. — Parece que temos tudo. Entreguem ao nosso tesoureiro, o Gui, o dinheiro para os bilhetes do comboio, para ele os comprar quando chegarmos à estação.

— Quais serão as aventuras que teremos este fim de semana? Estou tão curioso!

— Também estou, Ivo. Andámos a aprender tantas coisas novas, ultimamente, que vamos ter de as pôr em prática — responde Marta, empolgada.

— Achem que nos vai acontecer outra vez algo estranho? Lembram-se, no outro acampamento, aquele senhor perdido que me agarrou? — questiona Ivo, misterioso.

— Ai, nem me lembres! Apanhei um susto tão grande que pensei que o homem nos ia matar... — responde Marta, assustada com a recordação.

— Ele era mesmo estranho. Estava todo roto e agarrou-nos aos berros, eu nem percebi o que ele queria... — acrescenta Guilherme, apreensivo. — O que lhe aconteceu?

— Foi preso — responde Miguel calmamente. — Andava no meio da floresta a atacar pessoas e a vandalizar a natureza.

— Mas o que raio ele queria? — questiona-se Guilherme, intrigado.

— Pelo que percebi, já vivia na floresta há uma data de anos, tantos anos que já nem sabia quase falar... Não se lembram da cabana que ele construiu? Ainda andámos lá

a investigar, foi por isso que ele te agarrou, Ivo — afirma Ana, convicta.

— Pois foi. Aquilo era uma balbúrdia, mas ainda descobrimos umas fotografias antigas, era ele e a família. Se não nos tivesse apanhado tínhamos descoberto mais qualquer coisa... — sugere Marta.

— Bem, passando para a nova aventura, eu trouxe o caderno de caça da patrulha para ir fazendo o relatório do acampamento — adianta Ana, mostrando-se competente no seu cargo de secretária da patrulha.

— Toca a despachar que não podemos perder o comboio. Vamos formar as patrulhas no largo em frente à sede — incentiva Pedro.

Pedro é um chefe que gosta de boa organização. Alto e forte, professor de educação física, com vinte e oito anos de idade, sempre foi amante das atividades radicais, tendo grande preocupação com as normas de segurança. Só descansou quando as patrulhas já estavam formadas, com o Guia da patrulha à frente.

Guida, a chefe adjunta, verificava se faltava alguém nas patrulhas e recebia recados de alguns pais que tinham acompanhado os filhos até à sede. Alguns tinham medicamentos para tomar e era preciso lembrar-lhes. Sendo enfermeira de profissão, era uma tarefa que muito apreciava.

Era chegada a hora da partida. Pedro dirige-se ao grupo dando as indicações necessárias.

— Vamos dar início ao acampamento de fim de semana. Como sabem este acampamento vai servir para pôr em prática algumas técnicas escutistas que estiveram a aprender nas últimas semanas, em especial os sinais de pistas.

— E vamos ganhar pontos? — questiona Ivo.

Guida, percebendo a intenção, explica.

— Claro que sim, durante todo o acampamento as patrulhas vão recebendo ou perdendo pontos conforme o seu desempenho. No final haverá um prêmio para a patrulha melhor classificada.

Miguel vira-se para a sua patrulha e incentiva os amigos.

— Temos de ganhar isto, dê por onde der.

Além da vivência em plena natureza, as patrulhas também disputavam entre si a liderança pelo máximo de pontuação em todas as componentes do acampamento, montagem de campo, construções, jogos, pontualidade, entre outras. Era uma competição saudável, pois todas as patrulhas lutavam pelo primeiro lugar sem se prejudicarem umas às outras, mas sim tentando sempre melhorar o seu desempenho.

Pedro continua o seu discurso.

— Temos de ir apanhar o comboio que vai passar na estação dentro de meia hora, por isso não podemos perder mais tempo. Despeçam-se dos pais e vamos iniciar a caminhada até à estação.

E pouco depois lá iam eles descendo a calçada, seguindo em fila indiana, com as mochilas às costas. A passagem do grupo ao longo das ruas chamava a atenção de todos, era um grupo muito alegre que desfilava. Fazer a viagem até ao local do acampamento era sempre emocionante. E que aventuras divertidas iriam ter.



O ACAMPAMENTO

Não tardava muito e já todos estavam a entrar para o comboio. A viagem iria durar cerca de uma hora até à estação onde deveriam sair e depois fazer uma caminhada de seis quilómetros até chegarem à Quinta das Tílias. Era um local onde já era habitual os escuteiros irem acampar. Os proprietários gostavam de os receber lá, pois acabavam sempre por deixar o local ainda melhor do que o encontravam, ajudando muitas vezes na conservação e limpeza da quinta. Eram sempre bem-vindos.

Finalmente o comboio chega à estação e o grupo desembarca. As patrulhas organizam-se em fila indiana, seguindo pelo lado esquerdo da estrada, conforme os chefes tinham ensinado, pois assim poderiam ver os carros de frente e também serem vistos mais facilmente.

Depois de algumas paragens no caminho, para descansar e beber água numa fonte por onde passaram, depressa chegaram à entrada da quinta onde iriam montar o acampamento.

Pedro reúne os guias das patrulhas para lhes dar instruções sobre os passos seguintes.

— Vamos agora iniciar a montagem de campo. Vou com vocês dar uma volta pela quinta para escolhermos os campos para cada patrulha.

Apesar de não estar a chover, o céu estava cinzento, parecendo uma gigantesca nódoa negra, e como estava frio Guida tratou de ir acender uma fogueira numa clareira, no centro do campo, que além de dar um calor reconfortante, também serviria como local das reuniões e arena do Fogo de Conselho, a atividade planeada para a noite.

Os escuteiros dirigiram-se para o local escolhido para montarem o seu campo.

— Vamos distribuir as tarefas. Já são onze horas da manhã e não temos tempo a perder — adianta Miguel. — Ana e Marta podem ir apanhar folhas para cobrirmos o chão do local onde vamos montar as tendas.

— Sim, tragam muitas folhas que eu quero dormir numa caminha bem fofinha! — exclama Ivo.

— Eu vou já limpar o terreno e retirar as pedras para depois colocarmos as folhas. Da última vez ficou uma pedra bem grande debaixo das minhas costas — acrescenta Guilherme a rir. — Parece que ainda a sinto espetada na coluna.

— Eu e o Ivo vamos construir um pequeno abrigo para guardarmos o material de campo, para não apanhar humidade nem chuva — continua Miguel.

Todos estavam muito ocupados nas suas tarefas e aos poucos o local de acampamento dos Lobos começava a tomar forma. As raparigas traziam grandes braçadas de folhas para o local das tendas, que, entretanto, o Guilherme

já tinha limpo, e rapidamente também as duas tendas, uma para os rapazes e outra para as raparigas, ficaram montadas.

Guilherme olha para o céu com ar preocupado.

— Espero que não comece a chover antes de termos tudo arrumado.

— Não me parece — responde Miguel, olhando também para o céu. — Acho que vamos ter uma tarde sem chuva, mas é melhor cavarmos uns regos à volta das tendas para desviar a água, caso chova muito.

— Boa ideia — diz Ivo. — Não me apetecia nada acordar a meio da noite como se estivesse dentro de uma banheira.

— Eu vou já tratar disso — disponibiliza-se de imediato Guilherme.

Entretanto, o abrigo para o material de campo também já estava montado e Ana impôs o seu sentido de organização.

— Meninos, antes de arrumarem as mochilas dentro das tendas, tirem as comidas que trouxeram para eu arrumar tudo no abrigo do material. Vai ser a nossa despesa.

Como era um acampamento de fim de semana, e para não terem de andar às compras, cada patrulha tinha distribuído entre os seus membros a lista de comida necessária para confeccionar as refeições.

Já tinham alguma experiência em acampar, mas cada acampamento era sempre uma nova aventura.

Tal como a patrulha Lobo, também as patrulhas Tigre, Mocho e Esquilo montavam os respetivos campos e delimitavam o espaço com sisal. O acampamento do grupo formava um grande espaço que incluía o campo dos

chefes Pedro e Guida, com as suas tendas de frente para os campos das patrulhas.

Todos tinham estado tão atarefados durante a manhã que nem deram conta do tempo a passar e já era quase uma hora da tarde.

— Já estou a ficar com fome — diz Ivo, colocando a mão no estômago. — O ar do campo já me está a abrir o apetite.

— A ti qualquer coisa te abre o apetite — responde Ana.

O Miguel apressou-se a interromper.

— Agora que já acabámos de arrumar as nossas coisas, podemos ir comer o que trouxemos para o almoço.

— Muito boa ideia — responde o Ivo, olhando para a fogueira no meio do campo. — E podíamos pedir aos chefes para assarmos um chouriço na fogueira, já tem umas belas brasas.

— Acho que não vamos ter tempo para isso agora — esclarece Miguel. — Os chefes querem todas as patrulhas reunidas na arena do Fogo de Conselho às duas horas, para iniciarmos o jogo do dia.

— Já repararam como o chefe Pedro desapareceu? Ele e a chefe Guida montaram as suas tendas com uma rapidez incrível e ele sumiu-se nas nuvens... — diz Marta enquanto desembulha a sua sandes de presunto com queijo flamengo, de tamanho desmedido.

— Já tinha dado por isso — responde Ana após ter engolido a sua primeira dentada. — Deve ter ido preparar o jogo! Estou tão entusiasmada.

— A tua sandes é de quê Ana? Tem tão bom aspeto — intromete-se Ivo de olhos arregalados.

— É de atum com tomate, queres um bocado?

— Já que insistes... — acrescenta Ivo, esfregando as mãos enquanto poisa a sua comida no guardanapo.

— O que será o jogo de hoje? — questiona Guilherme, curioso.

— Não sei, mas deduzo que seja um jogo de exploração da natureza ou de pistas. Afinal foi isso que ficou decidido na reunião do Conselho de Guias que tivemos com os chefes, na sede — responde Miguel, pensativo.

— Que giro! Vamos andar por aí à descoberta, sozinhos no meio da natureza... — acrescenta, sorridente, Ana, que era solenemente fascinada pela fauna.

— A minha mãe é uma excelente cozinheira, está aqui um almoço digno de uma sala de jantar lustrosa, mas é uma exagerada! — exclama Guilherme a rir. — Tenho duas sandes, uma de carne assada, outra de salsichas frescas, batata frita caseira, pataniscas de bacalhau, sumo de laranja, fruta e pudim... Alguém é servido? Ivo?

Ivo nem responde, engole o último pedaço que tinha tirado de Ana e, mantendo a sua sandes pousada, senta-se colado a Guilherme, proporcionando várias gargalhadas coletivas.

— Que destino teremos a seguir? — insiste Marta, pensativa.

— Espero que seja um trubilhão de perigos e mais aventuras. Estou com saudades de salvar as nossas donzelas — diz Ivo, engatidão.

— Turbilhão! — corrige Ana. — E não se fala de boca cheia.

— Tens saudades de quê? Quando é que nos salvaste? — goza Marta.

— Então, olha... daquela vez que apareceu o esquilo

que vos queria morder, por exemplo — responde Ivo, atrapalhado.

— O esquilo era tão fofo, andei com ele ao colo até encontramos a mãe dele! — contrapõe Marta, gerando uma nova gargalhada coletiva.

— Então, quando... o Miguel caiu no buraco... — insiste Ivo, tentando ser credível.

— Aí foi o Gui a salvar-me — desmente Miguel.

— Mas eu ajudei! — defende Ivo, instalando a comédia entre os amigos.